

Vendas no comércio em queda

Queda em relação a novembro do ano passado foi de 8,43%

Mauro Zanatta
de Brasília

O comércio do Distrito Federal sofre com os efeitos colaterais do pacote de medidas fiscais anunciado pelo governo federal. As vendas de novembro despencaram 1,34% em relação a outubro deste ano e 8,43% em comparação ao mesmo período de 1996.

Com esse baque, os índices de vários segmentos bateram no vermelho e já causam arrepios em seus líderes. A revenda de carros usados, por exemplo, caiu exatos 23% nesse período, segundo o Instituto de Pesquisas Fecomércio.

“O mercado começou a cair quando se mexeu na taxa de juros. Nos recuperamos na estabilidade da economia, mas o setor é sensível aos juros que aumentaram no Crédito Direto ao Consumidor. Há também as proibições de se trabalhar com as empresas de factoring. Isso causou um impacto ainda maior”, diz Oscar Perné do Carmo, dono da Tema Tratores e presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Automóveis e Acessórios do DF (Sindiauto).

Em anos anteriores, o mês de novembro sempre teve vendas maiores que outubro. Em 1995,

o índice subiu 1,99%. Ano passado, considerado o melhor Natal desde a implantação do Plano Real, registrou-se aumento recorde de 3,95%.

A recuperação das vendas no fim de ano, que normalmente ocorre no último trimestre do ano, ficou apenas na expectativa dos mais otimistas. Ao contrário, os comerciantes mais atingidos pelos efeitos do pacote projetam cenários ainda mais sombrios. “Nosso mercado teve queda de pelo menos 60% desde o anúncio do pacote. Nessa época, deveríamos ter em aquecimento de 20% a 30%. A taxa de juros em 4,5% ao mês e o terrorismo anti-consumo do governo farão as empresas fechar lojas e haverá muitas demissões”, desanima-se Cléber

Pires, presidente Associação das Empresas Revendedoras de Veículos do DF (Agenciauto). Os segmentos de óticas e antigüidades também caíram 23% no último mês.

Não bastasse o desânimo com essas quedas, houve também crescimento na inadimplência (1,24%) e no volume de cheques devolvidos (1,17%). As grandes empresas colheram os piores resultados com a falta de pagamento das contas vencidas (1,50%) e acumula 24,66% de taxa de inadimplência desde outubro de 1995.

Os cheques frios também atazanam a vida dos comerciantes brasileiros. As pequenas empresas tiveram os piores resultados. Registraram aumento de 2,72% nesse índice.

Com isso, novamente perderam os consumidores. Os fornecedores aumentaram seus preços em 1,33% e as lojas repassaram um índice de 1,38% aos consumidores neste período.

Como nem tudo é só choro, há também segmentos que conseguiram furar o cerco do pessimismo e registraram bons resultados. Os segmentos de colchões, equipamentos de comunicação, gás de cozinha e lojas de departamento cresceram 3,1% em relação a outubro.